

Sodoma é uma cidade capitalista: micropolítica dos guetos dos anos 70 na literatura pessoal do brasileiro Herbert Daniel

Matteo Gigante

CLEPUL - Universidade de Lisboa

• giga.matteo91@gmail.com

ORCID 0000-0002-0644-1478

DOI

<https://doi.org/10.34913/journals/lingua-lugar.2023.e1483>

Durante o período da ditadura militar brasileira – após a militância clandestina em movimentos avessos ao regime – Herbert Daniel conheceu a repressão e o exílio, trabalhando numa sauna de Paris. Neste percurso, o escritor conseguiu evidenciar elementos de conflito, formação e transformação de uma sociedade urbana europeia elaborando reflexões que, posteriormente, o tornarão vanguarda de lutas que enfrentará na sociedade brasileira. O presente artigo pretende apontar tópicos da obra deste autor, quase desconhecido no panorama intelectual brasileiro, que engendrou uma análise irônica, mas eloquente, do micromundo gay parisiense ao lado das vicissitudes e das coibições do desejo homossexual, que flutuavam na guerrilha brasileira dos anos 70. Nos seus textos de “literatura pessoal”, *Passagem para o próximo sonho* (1982) e *Meu corpo daria um romance* (1984), descreve-se a reedificação de um topónimo figurado e inteligível, denominado “Sodoma”, um lugar do desejo, que, na perspectiva de um exilado revolucionário, apresenta conflitos e contradições, internas e externas. Ilustrar-se-ão fenómenos como racismo, machismo e discriminação de classe, observáveis desde os bastidores deste possível paraíso da volúpia, lugar de aparente libertação. Analogamente, a esquerda brasileira, da qual Daniel foi incansável militante, apresenta contradições, que o autor não renega, desenvolvendo uma visão intelectual e crítica genuína, atacando diretamente, após o seu regresso a um Brasil em processo de democratização, os saudosistas do regime. O objetivo do artigo será interpretar o seu pensamento, que se entrecruza com as teorias foucaultianas, atravessa, refugia-se e foge de vários guetos humanos, deixando-nos uma lúdica e lúcida reconstrução de um lugar do desejo que existe, existiu, ou poderia ter existido, mesmo

que iniludivelmente condicionado por multifacetados poderes.

Palavras-chave: Literatura brasileira; ditadura militar brasileira; homossexualidade; hegemonia; história da homossexualidade.



Sous la dictature militaire brésilienne – après avoir milité clandestinement dans des mouvements opposés au régime – Herbert Daniel a connu la répression et l'exil, alors employé dans un sauna à Paris. En cette période, l'écrivain découvre de nouveaux mondes, recueille des histoires, et réussit ainsi à mettre en exergue des éléments de conflit, de formation et de transformation d'une société urbaine européenne, en élaborant des réflexions qui, plus tard, feront de lui l'avant-garde des luttes auxquelles il sera confronté dans la société brésilienne. Cet article vise à pointer des thèmes propres à l'œuvre de cet auteur, presque inconnu dans le panorama intellectuel brésilien. Il fait une analyse ironique mais éloquente du microcosme gay parisien, ainsi que des vicissitudes et limites du désir homosexuel dans le milieu de la guérilla brésilienne des années 70. Dans ses textes de « littérature personnelle », Passagem para o próximo sonho (1982) et Meu corpo daria um romance (1984), il décrit la reconstruction d'un toponyme figuratif et intelligible, « Sodome », un lieu de désir qui, du point de vue de l'exilé révolutionnaire, présente des conflits et des contradictions, aussi bien internes qu'externes. Des sujets tels que le racisme, le machisme et la discrimination de classe seront examinés depuis les coulisses de ce lieu qui offre une apparente libération. La gauche brésilienne, dont Daniel fut un infatigable militant, présente elle aussi des dissonances, que l'auteur ne nie pas. Il développe une vision authentique, intellectuelle et critique, et à son retour dans un Brésil en voie de démocratisation, il attaque directement les nostalgiques du régime. Cet article a pour objectif d'interpréter sa pensée, qui recoupe à plusieurs reprises les théories de Foucault. L'auteur se réfugie et fuit les divers ghettos humains, nous présentant une reconstitution ludique et lucide d'un lieu de désir qui existe, a existé, ou aurait pu exister, même si inévitablement conditionné par des pouvoirs multiformes.

Mots clés : Littérature brésilienne ; dictature militaire brésilienne ; homossexualité; hégémonie; histoire de l'homosexualité.

O olhar inconformado de Herbert Daniel perpassou vários limites da existência, tecendo a história de um brasileiro, que atravessou mundos, fugiu, refugiou-se, redefiniu reiteradamente a sua identidade nunca desistindo de ser humano. Ao longo do seu labiríntico caminho, Daniel foi estudante de Medicina, militante comunista durante a ditadura militar brasileira, homossexual escondido na guerrilha, docente de marxismo, sequestrador de embaixadores, acusado de terrorismo, clandestino em fuga do Brasil, refugiado, jornalista, porteiro de uma sauna gay em Paris, militante brasileiro no exílio procurando amnistia, militante do Partido dos Trabalhadores (PT), fundador do Partido Verde, pioneiro das reivindicações das dissidências sexuais e das pessoas com HIV, antes de ser afetado pela epidemia do SIDA que enfrentou com coragem, determinação, sarcasmo e paixão por uma luta chamada vida.

Filho de uma operária têxtil de ascendência italiana, Herbert Eustáquio de Carvalho, que adotou o pseudônimo Herbert Daniel, nasceu em casa, no interior de Minas Gerais, onde o pai, afro-brasileiro, era cabo da Polícia Militar (Green, 2018, pp. 28 – 29). Após o seu ingresso na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, participou no movimento estudantil, tornando-se em 1967, no início da ditadura militar, militante de organizações trotskistas, engajando-se na guerrilha urbana e rural (Daniel, 1982, p. 26). Ao longo deste período entretém amizades com várias companheiras, entre elas Dilma Rousseff – que se tornará a primeira Presidenta do Brasil – com a qual, pela primeira vez, falara da sua homossexualidade (Green, 2018, p. 110). Nesta fase, Daniel vivia a própria sexualidade na clandestinidade, reprimindo-a, apesar de esporádicos encontros secretos, em jardins públicos. O seu engajamento militante o compeliu a abdicar de uma sexualidade, que era vista como comportamento “pequeno burguês” (Daniel, 1982, p. 96).

Inspirados pela iconografia de Che Guevara, que se sincretizava, encarnando uma espécie de Jesus latino-americano, os guerrilheiros daquela altura sacralizavam um estereótipo de revolucionário com o qual Daniel não se reconhecia, chegando a associar a homossexualidade à efeminação ou a influxos forasteiros, principalmente estadunidenses, julgados contrarrevolucionários (Green, 2012, p. 71). Carlos Marighella e Lamarca, chefe do grupo no qual Daniel lutou na guerrilha rural, eram vistos como uma transposição brasileira deste protótipo de combatente (Green, 2011, p. 143), que se apresentava como “viril, barbudo, agressivo e tinha só um objetivo em mente que era o sacrifício pela causa, adiando prazeres mundanos do momento em busca de um futuro socialista glorioso” (Green, 2012, p. 78).

Tais conotações simbólicas demarcavam rígidos perímetros de gênero e sexualidade que excluía sistematicamente várias formas de ser humano. Ao admitir que, naquela época, era um “cretino da sexualidade” (Daniel, 1984, p. 197), o autor reprimia a sua homossexualidade repudiando-a também entre os seus companheiros. Na guerrilha rural “a ausência do sexo era uma necessidade da luta”, contudo a verdadeira repressão observava-se na guerrilha urbana, onde não existiam razões para tais restrições então “[e]ra um silêncio. Um exílio. Sabe, meu amigo, eu não era exatamente um militante homossexual. Era um homossexual exilado” (Daniel, 1982, p. 221). Nos seus textos, que Daniel define “literatura pessoal” – transgredindo as normas genológicas do testemunho e fundindo ficção e realidade – apresentam-se reticências de setores da esquerda na discussão de padrões de gênero e sexualidade hegemônicos.

Durante o exílio, o pedido de Daniel, apresentado ao Comitê Brasil pela Anistia de Paris (CBA), no qual autor reencontrou muitos dos seus antigos companheiros, foi desconsiderado por ser julgado “literário”, enquanto um membro afirmou que era “[s]implesmente uma bicha” (Daniel, 1982, p. 229). Daniel dedicou um capítulo à discussão deste episódio, enfatizando o preconceito e a banalização que, uma parte da sociedade, faz da experiência do *coming out*. Além disso, o autor narra a oposição de alguns militantes do CBA parisiense à organização de um encontro chamado “Homossexualidade e Política” constatando que: “[a] forma mais geral de se falar sobre a homossexualidade é o silêncio. Esta mudez (censura) é dos mais renitentes resíduos do totalitarismo” (Daniel, 1982, p. 215). Contudo, o escritor afirma que:

O silêncio é a imposição de um discurso. O silêncio é a forma do discurso duma certa parcela da esquerda sobre a homossexualidade. É uma forma de exilar os homossexuais. Um homossexual calado é aceitável. Talvez até útil. Porque educado, comportadinho, tranqüilizante. Uma bicha louca que se apresenta, é um escândalo e o despautério. Não é político! – Exclamam os censores, que o sexo para os rábulas do totalitarismo não é político. Para eles, a política trata com classes assexuadas. A classe operária, como os anjos, não tem sexualidade; segundo eles, é uma classe etérea, esterilizada, sanitária. O que é uma forma de dizer: impotente e modelável segundo os gostos de um clarividente secretário-geral qualquer (Daniel, 1982, p. 217).

Ludicamente, em *Passagem para o próximo sonho*, descreve-se a criação de um protótipo de homossexual castigado, encaixável dentro do sistema patriarcal, moldado para respeitar, obedecer e perpetuar a sua estrutura, silenciando comportamentos e pensamentos incongruentes com tais lógicas. Tais reflexões são fruto da sua segunda experiência militante, como exilado.

O ato institucional nº 5, que intensificou a repressão do regime brasileiro, conduziu Daniel a um desterro, iniciado em 1972, quando abandonou a guerrilha e foi procurado pela ditadura, que o acusava de terrorismo (Green, 2018, p. 191).

O exílio é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal” (Said, 2003, p. 46). A 7 de setembro de 1974, Daniel celebrou o dia da proclamação da independência despedindo-se de um Brasil do qual, para sobreviver, era necessário fugir. Assim, com o seu parceiro Cláudio cruzou a fronteira com a Argentina, fingindo-se centro-americano e deslocando-se, posteriormente, até Lisboa (Green, 2018, p. 201). Durante a Revolução de 1974, Daniel participou da cena cultural da época contribuindo para a renovação editorial do periódico *Modas e Bordados* que, sob a direção de Maria Antónia Palla, abraçou reivindicações progressistas (Green, 2018, p. 216). Esta experiência conferiu-lhe uma oportunidade de amadurecimento intelectual, conciliando a sua formação marxista com a crítica feminista e aprendendo a aceitar a própria homossexualidade. Apesar do seu fascínio por Portugal e pelos valores da Revolução de Abril, sobre a qual escreveu profusamente, Daniel foi impelido a procurar asilo em Paris.

No entanto, as autoridades francesas exortaram-no a desistir do engajamento político, “proibido aos asilados” (Daniel, 1982, p. 153). Pois o exílio é “uma punição política contemporânea”, arquitetada para subtrair aos indivíduos “dignidade” e “identidade” (Said, 2003, p. 48). Fundava-se assim outro gueto, no qual o autor era novamente relegado “[o] exílio, como afastamento, é uma das formas do silêncio. E vice-versa” (Daniel, 1982, p. 34). Contudo, na perspectiva do autor: “[n]ão há pior desterro do que aquele que se vive no meio duma gente que fala uma língua que parece ser a nossa” (Daniel, 1982, p. 35). Efetivamente, “neste texto constatamos uma redefinição do conceito de exílio do sentido próprio ao metafórico” (Gigante, 2022, p. 673). O seu exílio político tinha sido antecipado pela situação de clandestinidade vivida no Brasil em decorrência da instauração do regime e da urgência de responder à sua repressão, que aniquilava possibilidades de debate, de expressão e de real inclusão. Como lembrado pelo autor: “Na esquerda armada, como em muitos aspectos da vida social do país, a sobrevivência não foi senão uma forma de extermínio. Muitos, para sobreviver, abdicaram a existência” (Daniel, 1982, p. 22). A esquerda brasileira daquela altura sobrevivera num gueto: “A clandestinidade trouxe para Herbert Daniel uma sensação de fragmentação de si, um não situar-se em lugar algum. [...] Daniel aprendera que para manter-se vivo naquelas condições era necessário um constante reinventar-se, um intenso tornar-se outro” (Pereira, 2013, p. 55).

Os movimentos *contraculturais* inaugurados nos anos 60, subsistiam na surdina. O diálogo era restrito pela urgência de enfrentar a repressão externa. Dissimulavam-se as identidades e os próprios nomes eram sujeitos a uma reinvenção, que correspondia a uma incessante deslocação por territórios insondados, percorrendo itinerários impérvios para evadir da perseguição.

A alteridade foi a condição mais explorada pelo autor e narrador autodiegético de *Passagem para o próximo sonho*, que, durante o exílio, assistiu ao paulatino esvaecimento da empatia perante as histórias dos sobreviventes aos genocídios latino-americanos. Já em 1976 “[o] golpe do Chile saiu de moda” (Daniel, 1982, p. 150). Quem fugira daquelas tragédias tornou-se apenas um refugiado, aprendendo que “[o] exílio é o grande asilo para dissidentes. Não importa a sua situação geográfica: o exílio é antes de tudo uma localização política e ideológica.” (Daniel, 1982, p. 34). Said destaca que os exilados “sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas” (Said, 2003, p. 50) entretecendo novas alianças, sendo, por outra parte, difícil de manter, o ideal distanciamento crítico, necessário à análise da nova realidade (Said, 2003, p. 57). Em contrapartida, Daniel encontrou abrigo no “gueto homossexual” (Daniel, 1982, p. 163), território ontológico que soube explorar com minúcia crítica e sensibilidade.

A partir desse lugar o autor soube reconfigurar as suas perspectivas de luta e relatar as suas memórias criando a sua “literatura pessoal” na qual misturou vida, raciocínios sobre a realidade e uma deslumbrante ficção. Nestas obras, o plano do real e do fantástico ficam entremeados e interpostos. A linguagem de Daniel prova a sua erudição e uma inegável criatividade lexical que o levou a forjar neologismos, num estilo, designado por Borim Jr. como “neobarroco” (Borim, 1994, pp. 130-131), que exerce uma vocação dialógica, congénita ao projeto artístico, instaurando um processo pedagógico recíproco, que envolve, tanto o leitor, como o próprio escritor. Assim, “[a] prosa de Daniel não se conforma a um estilo específico e desafia o leitor a perceber ironias e trocadilhos, entre reflexões mais críticas” (Pechstein, 2015, p. 80). Esta produção literária soube perpassar guetos, comunicando além das fronteiras, demonstrando a artificialidade das barreiras que se interpõem entre o ser e o mundo sensível.

Se, como já descrito, o gueto da resistência política ao regime estava permeado pelo patriarcado, este domínio não eximia o micromundo gay parisiense do qual autor foi trabalhador assalariado. As consequências do

capitalismo, do racismo e do classismo, persistiam neste lugar de hipotética libertação, gerando insídias interpretadas pelo autor:

O dragão que ronda o gueto – como tantos submundos – tem três cabeças: a pobreza, a velhice e a feiúra. Não há quem admita, mesmo vencido por todas as evidências, ser pobre, velho e feio. No máximo, quando uma das tragédias atinge um infeliz, é compensada por outra qualidade. Velho, porém rico, por exemplo. Ou: pobre mas belo. E assim por diante. Daí nascem todas as pequeninas invenções que servem de moeda corrente nos teatrinhos do sexo e da sedução. Não é preciso ir muito longe para descobrir de onde decorre a ideologia profundamente conservadora que caracteriza o gueto. Porque o gueto homossexual, na sua ostensiva marginalidade, é moralista e tradicionalista. Mesmo reacionário, nos momentos de crise social. (Daniel, 1982, pp. 162-163, [sic]).

A partir destas triviais combinações identitárias, baseadas em estereótipos e aparências, o leitor depara-se com um planeta, não com um universo paralelo. Como esclarece o autor, o gueto homossexual apresenta-se como um resumo do universo no qual todos vivem, resumo que incorpora as convenções da ideologia dominante e reproduz frequentemente as suas práticas. O autor descreve, por exemplo, a discriminação dos árabes, dos negros e dos alcoólatras que eram amiúde excluídos da sauna, por supostas razões de segurança, com a desculpa: “Não somos racistas, apenas responsáveis e comerciantes” (Daniel, 1982, p. 169 [sic]). Assustadoramente, durante a limpeza dos balneários o autor encontrava pichações racistas e violentas – principalmente contra árabes e judeus – e até suásticas (Daniel, 1982, p. 175).

Nos bacanais noturnos, que o escritor define como um “bordel disfarçado”, evidenciam-se práticas sexuais, que o autor relata nestes termos: “Por cinqüenta francos, o direito de misturar-se, desaparecer no meio de cinqüenta corpos mais ou menos indiferenciados na penumbra monótona dos corredores da sauna” (Daniel, 1982, p. 164). Nas ruas adjacentes a esse convento da devassidão parisiense, que o autor percorre entre os anos 70 e 80, vislumbravam-se renovados rituais viris:

A rua mãe da Virgem é um antro masculino onde impera o modo de ser macho. Não se fazem mais viados como antigamente... Fora de moda os meninos educados – uma moça, como se dizia ancestralmente. Ultrapassados, os afeminados com rendinhas e trejeitos. Agora há duas alternativas. A mais freqüente, o supermacho, bigodes e outros pêlos decorativos, vestido de couro, músculos e uniformes vários de bravos guerreiros. A outra, o transexual, que cultivava peitinhos, mas guarda o caralho, para ficar na fronteira de todos os sexos. (Daniel, 1982, p. 168).

Numa ótica diacrónica, cabe ressaltar que a linguagem usada pelo autor, fruto do seu tempo, emprega um artigo masculino para personagens que designaríamos no feminino, identificando pessoas trans MTF. No entanto, o escritor observa a elaboração de uma dissidência perante o paradigma cisgeneronormativo, que recusa a obrigação de encarnar e encenar um determinado género, abrindo caminho para a transgressão dos limites impostos pelo binarismo.

A sua perspetiva epistemológica apresenta-se como precursora de um discurso, que será posteriormente apresentado pelos estudos de género e *queer*, percebendo a possibilidade de experimentar e desempenhar rituais de género de forma inovativa, não se limitando à imitação ou à vontade de encaixar-se num sexo, socialmente concebido como oposto. Assim, o autor prova o surgimento de uma maior consciência perante a artificialidade de uma demarcação neta e antitética das fronteiras identitárias.

Por outro lado, no mesmo excerto, observa-se a ritualização de uma virilidade das conotações já largamente difundidas, encenação de uma macheza teatral e artificial, interligada à exibição de físicos esculturais e hirsutos, com o acréscimo da eclosão da cultura *leather*, que se tornará parte integrante do cenário gay. O retrato antropológico que sobressai desta narrativa de Daniel apresenta afinidades com o panorama descrito em numerosos ensaios sobre o gueto parisiense da época, destacando a relação entre a criação destes bairros e os processos de urbanização e de desenvolvimento do capitalismo (Boivin, 2011, p. 148). Esta bibliografia enfatiza as dinâmicas de masculinização, apontadas pelo autor, como consequência de uma transformação da sociabilidade gay dos anos 70 que, desafiando noções performativas preconcebidas que associariam culturalmente a homossexualidade à efeminação – dantes aproveitadas como dispositivos de agregação e de autoidentificação – procurariam reverter esta caricatura encenando uma virilidade, por sua vez, caricaturada (Pollak, 1982, p. 47; Boivin, 2011, p. 172). Esta reconfiguração coincidiria com a institucionalização de espaços urbanos de interação homossexual, nos anos 80 e 90, que promoveriam esta atitude, reprimando comportamentos que perturbariam uma estratégia de “normalização gay” implementada mediante a segregação de condutas que não se enquadram em perímetros sexuais e de género binariamente preconcebidos, enfatizando, paralelamente, a prosperidade económica gerada pelos bairros gay e a respeitabilidade dos seus atores enquanto empresários (Boivin, 2011), elementos, como veremos, destacados e problematizados em *Passagem para o próximo sonho*.

Foucault teorizou que “a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (Foucault, 1999, pp. 43-44). Tais postulados foucaultianos, que advogam a necessidade de historicizar a sexualidade, provavelmente nortearam Daniel na reconstrução do seu sucinto retrato alegórico do contemporâneo reino de Sodoma:

Há quem ache ofensivo os termos bicha, viado, louca, paneleiro (em Portugal). Mas tais nomes valem tanto quanto homofilia, homossexualismo, pederastia, e mais palavras, que elas sempre foram abundantes (e a bunda tem sua razão de ser). Sempre *adjetivos*. Quando se usa o adjetivo com valor substantivo há um processo metonímico: a parte pelo todo. O homossexual é uma *pessoa* homossexual, como poderia ser: careca, bonito, dolicocefalo, tailandês, alfaiate, reservista de segunda categoria, vegetariano ou general... O risco, no caso do homossexual, é inventar UMA homossexualidade, uma *coisa*, espécie de essência?, que define a totalidade do indivíduo. E nada é menos coisa, objeto, matéria ou essência. / A homossexualidade não é uma sexualidade definida, nem mesmo um exercício especial de sexualidade (um ato). É, como a sauna e os endereços selecionados do gueto ensinam com clareza, um *lugar*, um lugar da sexualidade. [...] O homossexualismo [...] é uma história, a sua própria história, que é muito pouco individual ou mesmo a de um grupo social qualquer. É a história de um lugar que o poema bíblico denominou Sodoma. (Daniel, 1982, pp. 170-171, grifo do autor).

Nesta identificação da homossexualidade como lugar do desejo, como topónimo da sexualidade, o autor pretende sublinhar a singularidade e a heterogeneidade com a qual cada pessoa vivencia a sua sexualidade. Além de desprender a linguagem de cargas pejorativas associadas a determinados termos, cujo peso provém do próprio estigma, o escritor ressalta que identificar uma pessoa pela própria sexualidade pode criar um estereótipo, um modelo de homossexual, que não corresponde à realidade, em vista da diferença entre cada ser humano.

Desde o desfecho do século XIX, a maior visibilidade feminina e homossexual urbana inspirou estudos obcecados na delimitação de fronteiras entre as identidades, provocando repressões políticas sistematizadas (Schettini, 2014, pp. 15-18). O termo homossexualidade foi criado em 1869 pelo austro-húngaro Karl Kertbeny com o intuito de promover a descriminalização da sodomia na Alemanha (Louro, 2019, p. 77). Portanto, a homossexualidade, começa a ser observada como resistência, apesar dos estudos foucaultianos corroborarem uma leitura das sexualidades como aparatos históricos, condicionados por dispositivos de poder

(Louro, 2019, p. 55). Posteriormente, Butler reafirmará os idênticos pressupostos observando, contudo, a ampliação dos limites das sexualidades socialmente inteligíveis (Butler, 2003, pp. 53 – 54). Coincidentemente, como prómio da história de Sodoma, identifica-se uma “etapa esotérica”:

A homossexualidade passou inicialmente por uma etapa esotérica. Inicialmente eram esconderijos desorganizados, encontros fortuitos, a sorte e seus azares. Pelos cantos do mundo oficial do corpo, o desejo repellido instituía falhas, rupturas da legalidade. O homossexual existia na clandestinidade e fruía dela, os gozos se entrelaçavam, perversão e perversidade se cruzavam. A marginalidade era uma das condições do desejo. Ao lado da sexualidade familiar – papai / mamãe / filhotes (que o sexo é sempre triangular) – evoluíam constantemente os sacrários da perversão. Ao lado da cama consagrada (da sexualidade pública, com seus ritos e templos), a sexualidade privada. [...]. (Daniel, 1982, p. 171).

A partir deste primeiro estágio, paralelo ou perpendicular à expansão e reprodução cultural da família mononuclear burguesa, considerada tradicional no ‘ocidente’, dentro do sistema patriarcal consolidam-se progressivamente espaços de homosociabilidade, lugares de convivência exclusiva de pessoas identificadas por um determinado sexo. A institucionalização de territórios de segregação de gênero, consequência prática de políticas misóginas, seria o primeiro passo na fundação de lugares do desejo, onde a sacralização dos ritos viris, multiplicaria as possibilidades de irrupção de tais instintos inatos. Contudo:

No início era a desordem no campo chamado Sodoma. / A sexualidade trãnsfuga eclodia como recusa da Ordem Sexual Vigente. O homossexualismo medrava na proibição. Epopéia de descobridores: seus cantos estão ainda inscritos nas paredes dos seus santuários, as paredes das privadas. Nessas paredes simbólicas, o discurso homossexual fixava-se. / Nessa fase seria uma incorreção falar na existência de um gueto. O que existe é um universo secreto, sem leis próprias. O homossexualismo, que de fato ainda não poderia ter tal título, era o reverso da medalha da sexualidade “oficial”, uma zona desordenada. Não se tratava de um mundo à parte mas apenas duma parte de mundo. / O gueto nasce posteriormente. É a ordenação do caos primitivo. Aqui, e somente aqui, a homossexualidade passa a ser submundo, sem parte no mundo. Não mais parte integrante: região integrada, com limites. Internamente são fixadas leis. / Funda-se Sodoma. (Daniel, 1982, p. 172).

O autor desconstrói sarcasticamente os autoritários limites de uma historiografia cultural tradicional e beligerante, que exaltou uma visão do mundo opressora e maniqueísta, chegando a desautorizar e confinar histórias privadas inócuas – epopeias proibidas e lúbricas –, nas paredes das latrinas públicas, onde encontraram espaço e esporádicos indícios

de representação. Paralelamente, o escritor observa esta realidade como subversão perante a norma hegemónica, que privilegiaria a ordem heteronormativa, desordem que, no entanto, organiza-se:

Sodoma é uma cidade. Capitalista. O que quer dizer, em resumo, um mercado. E suas seduções. / (Capitalista? Sim. No chamado mundo socialista a situação é diferente e mais dramática. Mas não me interessa falar aqui do dito socialismo real, que não conheço pessoalmente. Por enquanto só sei que ele tem muito de real e pouco de socialismo. Sou um utópico, né mesmo?) / O gueto homossexual hoje em dia, nos países desenvolvidos, é antes de tudo um conjunto de comércio. Bares, cinemas, restaurantes (pergunto: por que restaurante especializado? Bichas, a não ser umas às outras, comem diferente?)... Enfim, todas as atrações possíveis do consumo se especializam para homossexuais: da livraria à loja de periquitos, passando pela hóstia consagrada. E tudo aí é mais caro. / Mais caro porque “especializado”: paga-se a instauração da cidadania homossexual. / A homossexualidade é um *mercado*. E não só: é um mercado extremamente lucrativo. O gueto não passa da legalização desse mercado, sua exploração sistemática. Os interesses que se chocam nesse mundo não são de ordem meramente erótica. E a defesa dos interesses desse mercado não deixa de assumir formas políticas curiosas. Passa, sempre, pela forma de “defesa de interesses homossexuais”. / As questões se confundem astuciosamente. A luta contra a “repressão sexual”, a organização dos homossexuais como interesse social definido, tem como respaldo as forças sociais interessadas no pleno funcionamento do gueto. (Daniel, 1982, p. 173, grifo do autor).

Esta descrição contracorrente, mostra a genuinidade intelectual deste autor que, na sua passagem por diferentes guetos, não eximiu nenhum grupo da sua ousadia utópica. Apesar da sua linguagem irreverente, percebemos que as críticas de Daniel são produtivas e pródigas, não recriminatórias, visto que o seu olhar não pode ser imputado de ignávia. Como sublinhado por James Green, as reflexões do autor criticaram a mercantilização dos desejos e da liberdade sexual, fenómenos que encontravam no gueto gay o seu epicentro, admitindo, no entanto, implicitamente, a relevância destes espaços como refúgio, na criação de perímetros de relativa segurança e liberdade para as dissidências sexuais (Green, 2018, p. 232). As suas reflexões revelam uma personalidade independente, insaciavelmente engajada com ideais de justiça rarefeitos por uma realidade desencantadora, cada vez mais desligada do sonho. Um sonho que, nos anos 80, observou a decadência de ilusões de perfeição, constatando as contradições do socialismo real. Com a eclosão do HIV, o diálogo entre os movimentos e as autoridades, quando possível, foi indispensável para reivindicar o acesso a tratamentos.

Desde então a política institucional entreteceu ligações com um movimento recém-nascido: “[o] objetivo do Movimento de Liberação Gay era a transformação social. Queríamos um mundo onde a sexualidade, o gênero e as estruturas emocionais fossem abertas e individuais, e não punidas pelo estado ou impostas pelo estado” (Schulman, 2014, p. 41). Formaram-se associações que conferiram a estes grupos uma visibilidade inédita, que o capitalismo soube aproveitar para “criar nichos de mercado para pessoas queer” (Schulman, 2014, p. 42). Assim, “[n]ossas famílias não se preocupavam se vivíamos ou se morríamos, nossos governos não se preocupavam se vivíamos ou se morríamos mas Absolut Vodka nos desejava, e éramos muito gratos” (Schulman, 2014, p. 43). Tais circunstâncias geraram atritos internos, em Paris, o FHAR (Front Homosexuel d’Action Revolutionnaire), criticou a elitização dos espaços de sociabilização gay desde 1971 (Boivin, 2011, p. 160), manifestação das contradições de classe apontadas por Daniel que, embora não cite as suas fontes, provavelmente teve contacto com as teses desse grupo (Green, 2018, p. 230).

Nesta altura, o autor voltou para o Brasil, observando um cenário social em ebulição. Apesar do repúdio formal da homossexualidade, durante a ditadura brasileira espaços de sociabilização LGBTQ+ floresceram, principalmente nas grandes cidades. Ao contrário da ditadura argentina o coevo regime brasileiro não encerrou sistematicamente espaços de sociabilização gays: “Embora os proprietários dos clubes eventualmente fossem pressionados pelas autoridades, o dinheiro da propina mantinha a polícia apaziguada” (Green, 2022, p. 412), desde que não se manifestassem posições antirregime. No entanto, afirmando-se no desfecho da ditadura o movimento gay brasileiro, assumiu um compromisso eminentemente “antiautoritário” (Fry, 1982, p. 110). Novas organizações, como o PT, incorporaram paulatinamente, na própria agenda, reivindicações de movimentos identitários. Tais circunstâncias foram o resultado da militância de personagens como Daniel ou do próprio James Green, um dos fundadores do Somos, grupo que aproximou o PT das instâncias do movimento e modificou a sua linguagem substituindo a palavra “companheiro” às formas de tratamento mais trilhadas neste meio, como “veado, gay e entendido”, sendo que, concomitantemente, eram exigidas à militância práticas de “boa conduta” e homogeneização, para incorporar o partido (Pereira, 2008).

A nova esquerda brasileira que já tinha experienciado o gueto da clandestinidade, tentava reunir diferentes percursos periféricos, dantes silenciados, educando-se ao respeito das diferenças, para desestruturar sectarismos. O autor descrevera este percurso, individual e coletivo,

refletindo sobre a diferença intrínseca em cada ser humano, concluindo que a diferença seria uma qualidade inata de cada ser: “Você quis aperfeiçoar esta sexualidade, especializá-la. Diferenciá-la ou humanizá-la, tanto fazia. De tal forma que neste caminhar no gueto de uma raça sexual humana você fazia sua humanidade” (Daniel, 1982, pp. 232-233). Procurando respostas dentro de si e nos outros “[v]ocê julgava que quanto mais propriamente bicha, mais humanidade teria” (Daniel, 1982, p. 233). Acrescentando: “Você, homossexual no gueto, deixa de ser qualquer coisa para ser somente um sexo abstrato, que é sua alma e lhe dá realidade. [...] Massacram-se indivíduos diferentes para igualá-los na falsa liberdade do gueto” (Daniel, 1982, p. 234). Emerge de certas pesquisas um paralelismo entre o surgimento do gueto gay parisiense e a reemersão de discursos apologistas de uma “essencialização” da homossexualidade enquanto qualidade estável e antitética à norma heterossexual (Boivin, 2011, p. 152). Por outro lado, segundo Daniel, uma sexualidade vigiada, reprimida, ou atribuída como essência, seria um rótulo falacioso, visto que cada ser humano é distinto e vive uma própria sexualidade, independentemente das possíveis orientações sexuais e conformações do desejo.

Paralelamente, em *Meu corpo* daria um romance, o escritor descreve, sempre na primeira pessoa, a sua militância no Rio de Janeiro da democratização, enfatizando a evolução política da esquerda na reivindicação de direitos civis. Um casto beijo na boca com o seu companheiro, na paragem de um autocarro noturno carioca, despedida à qual seguem ofensas homofóbicas por parte de dois jovens que vestem símbolos da esquerda, torna-se metáfora da relutância de certos militantes na renovação da agenda política do PT, que o autor defende, afirmando que os rapazes estariam “atrasados politicamente” (Daniel, 1984, p. 389). Em contrapartida, nas primeiras campanhas eleitorais nas quais foram incluídas reivindicações feministas, antirracistas e LGBT+, o partido recebeu intimidações explícitas, às quais Daniel narra ter respondido diretamente, por parte de adversários que, despercebendo e repudiando estas causas, intimidavam que, se continuassem neste sentido, seriam novamente objeto de repressão, assinalando que o PT deveria limitar-se a discutir a economia (Daniel, 1984, p. 361).

Entretanto, reivindicando a vocação eminentemente política das questões relativas ao corpo, a obra de Daniel soube costurar um discurso literário e ensaístico lúdico, lúcido e brilhante a partir das cicatrizes que acompanharam a sua existência, traumas que lhe conferiram coragem e paixão por uma vida que, apesar dos desacertos da realidade, nunca renegou a legitimidade das pulsões do sonho na descrição e na reescrita do real.

Bibliografia

- Boivin, R. R. (2011). "De la ambigüedad del clóset a la cultura del gueto gay: género y homosexualidad en París, Madrid y México". *La ventana. Revista de estudios de género*, v. 4 n. 34, pp. 146-190. <<http://www.scielo.org.mx/pdf/laven/v4n34/v4n34a7.pdf>>. (último acesso em 16/02/2022).
- Borim, D. J. (1994). "Herbert Daniel". In: Foster, D. W. (org.). *Latin American Writers on Gay and Lesbian Themes: A Bio-Critical Sourcebook*. Westport: Greenwood. pp. 129-134.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Daniel, H. (1982). *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Codecri.
- (1984). *Meu corpo daria um romance*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade: a vontade de saber*. Trad. M. T. C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Fry, P. (1982). "Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil". In: —. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 87-115.
- Gigante, M. (2022). "Passagem para o próximo sonho de Herbert Daniel: um lugar de fala nos exílios". In: Duarte, E.T.; Gambi, E. G. (Eds.). *Libro de actas del I Congreso Internacional de Literatura Brasileña. Nélida Piñon en la República de los Sueños*, Salamanca: CEBUSAL, Universidade de Salamanca. pp. 658-674. <https://cebusal.es/publicacion_ceb/livro-de-atas-i-colibra/?lang=pt-br>. (último acesso em 6/03/2022).
- Green, J. N. (2022). *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 3 ed. São Paulo: Ed. Unesp.
- (2018). *Revolucionário e gay: A vida extraordinária de Herbert Daniel*. Trad. M. S. Câmara. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- (2012). "Quem é o macho que quer me matar?". *Revista anistia política e justiça de transição*, n. 8, pp. 58-93. <<http://www.corteidh.or.cr/tablas/r33222.pdf>>. (último acesso em 16/02/2022).
- (2011). "Herbert Daniel: política, homossexualidades e masculinidades no Brasil nas últimas décadas do século XX". In: Penteado, F. M.; Gatti, J. (orgs.). *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, pp. 131-149.
- Louro, G. L. (org.). (2019). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. T.T. Silva. 4 ed. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Pechstein, I. (2015). "Passagem para o próximo sonho de Herbert Daniel e seu lugar na literatura brasileira pós-regime militar". *Spanish and Portuguese Review*, Madison: University of Wisconsin, n. 1, p. 78-86. <<https://spanportreview.files.wordpress.com/2015/08/spr-2015-pechstein1.pdf>>. (último acesso em 16/02/2022).
- Pereira, R. M. (2008). "Escritas transgressoras e literaturas marginais: um olhar histórico sobre a geração pós 68 no Brasil". *XIII Encontro Estadual da ANPUH PB*. <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2007%20-%20R%C3%B4mulo%20Medeiros%20Pereira%20%20TC.PDF>. (último acesso em 31/01/2022).
- (2013). *Herbert Daniel e as suas escritas de memória: exercícios autobiográficos e traços estéticos de uma existência*. (Dissertação de Mestrado), João Pessoa: UFPB. <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5998>>. (último acesso em 6/03/2022).
- Pollak, M. (1982). "L'homosexualité masculine, ou le bonheur dans le ghetto?". *Sexualités occidentales. Contribution à l'histoire et à la sociologie de la sexualité*. n° 35, pp. 37-55. <https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1982_num_35_1_1521>. (último acesso em 16/02/2022).
- Said, E. (2003). "Reflexões sobre o exílio". In: —. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 46-60.

Schettini, L. (2014). "L'insostenibile leggerezza del genere tra storia e biografia". In: Marcasciano, P. *AntoloGaia*. Roma: Alegre. pp. 9-20.

Schulman, S. (2014). "Desafios do feminismo: amigos diante da família, sociedade diante do governo". In: Minella, L.S.; Assis, G.O.; Funck, S.B. (orgs.). *Políticas e fronteiras: desafios feministas*. Tubarão: Copiart, v. 2, pp. 39-53.